

Lição 7 – Fascismo e ressentimento

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Fascismo e ressentimento. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 67-74.

ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 7

FASCISMO E RESENTIMENTO

Nietzsche resume com notável economia de meios o perfil psicológico que podemos denominar como base do fascismo. Para o filósofo, a sobrevivência da barbárie no mundo civilizado está profundamente relacionada com o ressentimento, que consiste na moral escrava que, em vez de afirmar a si mesma, perpetua vinganças imaginárias de natureza reativa. Em vez de cultivar uma afirmação ativa de si mesmo, o caráter ressentido se contenta em reproduzir pensamentos e comportamentos de autovitimização, queixa e acusação frequentemente manifestadas em condições de agrupamento. É por esse motivo que Nietzsche caracteriza o ressentimento como moral de rebanho de espíritos cativos, que não se permitem a afirmação virtuosa e forte de si mesmos, perpetuando acusações contra inimigos imaginários. O ressentimento se manifesta como uma síndrome comportamental reativa contra todo tipo de afirmação de valores ligados à autonomia individual. A afinidade entre fascismo e ressentimento deriva de impulsos desmedidos de rancor e de vingança que nunca se realizam plenamente, pois sua origem é projetiva, devendo ser remetida à impotência do próprio ego do

sujeito ressentido: “enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e *este* Não é seu ato criador (Nietzsche, 2009, p.26).

Para Adorno e Horkheimer, a proliferação do ressentimento como núcleo psicológico do fascismo pode ser explicada pelas fortes tendências objetivas de fragilização da individualidade como categoria histórica. O processo de debilitação da formação do ego foi em grande medida determinado pela decadência do capitalismo liberal em favor de fortes tendências de monopolização da economia a partir das últimas décadas do século XIX. Desde então, o fortalecimento do poder econômico e político de grandes empresas e monopólios econômicos induziu ao declínio da autonomia do indivíduo, e o estado de servidão coletiva que caracteriza o fascismo é tributário de tais processos de transformação econômica na sociedade burguesa tardia. À decadência da individualidade foi correlato o enfraquecimento da autoridade paterna como núcleo emocional de formação da personalidade. A imagem paterna é, então, transferida para as lideranças coletivas, e é dessa forma que o líder fascista surge como uma espécie de encarnação substitutiva da figura do pai. O sujeito fascista é uma combinação sinistra de um ego frágil e vulnerável à identificação com líderes fascistas, altamente suscetível à canalização do ressentimento sobre as vítimas da perseguição: “Hitler e a ditadura moderna são, de fato, o produto de uma sociedade em que está destruída a figura do pai” (Horkheimer, 2015, p.52).

Horkheimer descreve com clareza o processo de geração de indivíduos ressentidos na sociedade burguesa, desde as primeiras experiências que um jovem experimenta no interior de coletivos. Quando o indivíduo é exposto à dissonância entre o acolhimento e a proteção experimentados na esfera familiar e a frieza e o

pragmatismo que são próprios à estrutura da sociedade, ele tanto poderá resistir ao irracionalismo vigente, em nome de ideais éticos que possam guiar seus pensamentos e atitudes, como também poderá aceitar passivamente a identidade entre princípio de realidade e dominação. No primeiro caso, em que o jovem se recusa a sacrificar sua verdade interna em favor das irracionalidades do existente, temos um trajeto existencial de autonomia e resistência, pois então o indivíduo “não se esquivava de confrontar persistentemente a realidade com a verdade, de desvelar o antagonismo entre os ideais e a efetividade” (Horkheimer, 2015, p.126). No segundo caso, a incapacidade de se posicionar altivamente contra a instrumentalização da vida conduz a um conformismo cínico com os padrões sociais, que no entanto encobre profundos sentimentos reprimidos de frustração e agressividade. A identificação com a estrutura social vigente e sua correlata aceitação da força bruta como norma eterna tornam-se apenas manifestações superficiais e aparentes pelas quais o ego contorna sua impotência interna. Horkheimer (ibidem, p.127) expõe a ligação íntima entre fascismo e ressentimento:

Embora a maior parte das pessoas jamais supere o hábito de repreender o mundo por suas dificuldades, aqueles que são excessivamente fracos para posicionarem-se contra a realidade não têm outra opção a não ser identificarem-se com ela, obliterando-se. Eles nunca se reconciliaram racionalmente com a civilização. [...] Sua vida toda é um esforço contínuo para suprimir e degradar a natureza, interna ou externamente, e para identificar-se com seus substitutos mais poderosos – a raça, a pátria, o líder, a camarilha, a tradição. Para elas, todas essas palavras significam a mesma coisa: a realidade irresistível a qual se deve honrar e obedecer. No entanto, seus

próprios impulsos naturais, aqueles antagônicos às variadas demandas da civilização, levam uma vida desviante oculta dentro delas.

Essa descrição precisa acerca da falsidade intrínseca ao caráter ressentido é importante para a compreensão da ambivalência emocional e comportamental do sujeito fascista. Embora sejam voluntariamente privados de vontade autônoma, ao mesmo tempo, os sujeitos do ressentimento explicitam sua destrutividade cega contra todos aqueles que são designados como supostos responsáveis por sua própria infelicidade e frustração. Essa ambivalência, formada por impulsos masoquistas de submissão à autoridade e impulsos sádicos voltados contra os representantes sociais do *unheimlich*, traduz aquilo que Nietzsche denominou “envenenamento psicológico” próprio ao ressentimento, e que Adorno tratou como “decisão voluntária carregada de rancor”. Em sua análise do *jitterbug*, Adorno (1986, p.145) interpretou o comportamento fascista como encenação precariamente dissimulada, inclusive para si mesmo. O entusiasmo do fascista é fictício, consistindo em uma formação de compromisso que encobre profundas desavenças internas, que somente permanecem ocultas à consciência graças a um grande investimento de energia. Para Adorno (ibidem, p.146), o fascista, ou *jitterbug*, “é o ator de seu próprio entusiasmo ou o ator do entusiástico modelo de primeira página que lhe tinha sido apresentado”.

Quando se considera que os padrões de pensamento e de comportamento próprios ao fascismo estão em flagrante contradição com a capacidade cognitiva e mesmo com os interesses de autoconservação racional dos indivíduos na sociedade burguesa, é possível compreender que é necessário um grande esforço para se manter na condição de autoengano. É justamente por esse motivo que o caráter

projetivo da síndrome fascista se torna tão dificilmente reversível, pois a combinação perversa de ressentimento e fanatismo alimenta uma afirmação obsessiva e furiosa de ideias fixas pelas quais a pessoa busca se convencer de que os motivos de seu sofrimento e infelicidade estão no Outro e não em si mesmos. Entretanto, mesmo a intensidade dos processos narcísicos mobilizados pelo sujeito para manter intacta sua cegueira emocional e intelectual não é suficiente para eliminar os potenciais de resistência que permanecem muito próximos da consciência. Segundo Adorno, bastaria um pequeno esforço para que a farsa autoimposta se desvanecesse e o indivíduo adquirisse autorreflexão suficiente para superar sua condição de espírito cativo. É por esse motivo que a autocrítica é repelida mediante esforços contínuos dirigidos contra o pensamento: “por isso, eles voltam o seu ódio contra aqueles que apontam a sua dependência do que contra aqueles que apertam as suas algemas” (ibidem, p.143).

A necessidade de ativar mecanismos de defesa para se manter na servidão voluntária explica a hostilidade aberta aos potenciais de autonomia na esfera da cultura que é tão comum ao fascismo e ao ressentimento. A disseminação da mentalidade estereotipada e agressiva é inseparável da recusa prévia a potenciais formativos de autorreflexão do espírito. A personalidade autoritária é avessa a processos formativos na esfera espiritual, pois estes poderiam dissolver os mecanismos emocionalmente reativos que deformam a capacidade de realizar experiências autônomas. A aversão a experiências culturais diferenciadas constitui uma espécie de imunização prévia à formação na esfera educativa, uma vez que esta poderia transformar uma consciência coisificada em um homem esclarecido. Isso explica por que o fascista é inimigo declarado da cultura, pois as experiências de autonomia no campo da cultura representam justamente a possibilidade de

evolução do espírito, que ele procura a todo custo impedir em si mesmo e também nos outros. O comportamento ressentido na esfera da cultura é altamente perverso, pois no fundo a pessoa se volta justamente contra os instrumentos que poderiam possibilitar que ela se libertasse de tanta infelicidade, sofrimento e frustração. É dessa forma que podemos compreender por que regimes fascistas são inimigos das artes, da literatura, da filosofia e das humanidades em geral, pois eles necessitam combater exatamente aqueles elementos de cultura que poderiam dissolver a mentalidade perversa e nefasta do fascismo. Adorno expõe com precisão o antagonismo da personalidade autoritária a processos formativos na esfera espiritual, caracterizando a hostilidade que se volta contra a promessa de emancipação contida na cultura:

Penso que, além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a da falência da cultura. A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir. (idem, 1995a, p.164)

É importante destacar que o aspecto raivoso com que o indivíduo reage diante de todo tipo de manifestação cultural capaz de se elevar para além do senso comum trai o

ressentimento como sintoma profundamente estabelecido na consciência: “por isto, rangendo dentes, as pessoas como que escolhem contra si mesmas aquilo que não é propriamente sua vontade” (idem, 1986, p.150). Mas é preciso considerar um segundo argumento na crítica de Adorno, que aponta para a sutileza mediante a qual a cultura é anulada em seus potenciais formativos. Na sociedade burguesa, é muito comum que a alergia à cultura não se realize mediante sua recusa pura e simples, mas por meio da transformação dos bens culturais em mercadorias cuja fruição é efêmera, formal e superficial. Para expressar o alcance da semicultura e da semiformação, Adorno faz menção à espiritualização formal que caracterizava a República de Weimar, pouco tempo antes da eclosão do nazifascismo, citando a observação de Max Frisch. Para ele, nessa época, “havia na Alemanha pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais e, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo” (idem, 2010, p.10).

A semiformação consiste no processo propagador de relações fetichistas com a cultura, que impedem sua apropriação viva e autônoma, favorecendo relações de efemeridade e heteronomia com os bens culturais. Em vez de se entregar a processos de formação do espírito, capazes de promover a autonomia, a sensibilidade e a reforma do caráter, o sujeito se apossa dos bens culturais como simples instrumentos destituídos de qualidades formativas. Adorno expõe a defasagem entre o progresso técnico na sociedade burguesa e a formação do espírito para a autonomia: “na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico” (ibidem, p.27). Essa defasagem aponta para o papel absolutamente decisivo da

coragem individual no sentido de se apropriar da cultura para vencer as próprias limitações e sombras do espírito. Para que o sujeito possa pôr a si mesmo como indivíduo autônomo, os bens culturais constituem-se como instrumentos essenciais, porém não suficientes, uma vez que são a boa vontade e a firmeza de espírito que possibilitam a um homem a superação do ressentimento.